



## **SUBJETIVIDADE E CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO: CAMINHOS PARA LEGITIMAR A HOMOPARENTALIDADE**

Victor Matture<sup>1</sup>. Ligia Adriana Rodrigues<sup>2</sup>. Claudia Carvalho Cosmo<sup>3</sup>.

### **RESUMO**

Este artigo, a partir de uma revisão bibliográfica, pretende abarcar algumas compreensões acerca dos processos que determinam a formação subjetiva e o reconhecimento das diversidades sexuais para a construção de modelos heteronormativos. Objetiva-se, por meio da contextualização de recortes históricos delimitados pelos estudos do filósofo Michel Foucault, identificar alguns aspectos relevantes para as concepções de gênero, bem como propor uma mudança de olhar para as vivências homoafetivas e para a homoparentalidade, visando promover o respeito à diversidade afetiva e identificar a homoparentalidade como uma constituição legítima de família.

**Palavras chave: Gênero, Homoparentalidade, Heteronormatividade, Foucault, Psicologia.**

---

<sup>1</sup> Graduando do quinto ano em Psicologia pelo IMES - Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva. E-mail: victor\_matture@hotmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela UNESP-Assis e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora do Curso de Medicina das Faculdades Integradas Padre Albino de Catanduva (FIPA) e psicoterapeuta. E-mail: ligia\_ligia2@hotmail.com

<sup>3</sup> Graduada em História e em Pedagogia pelo Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva (IMES-Catanduva). Mestre em Educação pelo Centro Universitário Moura Lacerda. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professora dos cursos de História, Psicologia e Pedagogia do IMES-Catanduva.

# **SUBJECTIVITY AND GENDER CONCEPT OF CONSTRUCTION: PATHS TO LEGITIMIZE HOMOPARENTHOOD**

## **ABSTRACT**

This article, from a literature review, aims to encompass some insights about the processes that determine the subjective training and the recognition of sexual diversity to build heteronormative models. The objective is, through the context of historical clippings delimited by the philosopher Michel Foucault studies identify some relevant aspects of gender concepts and propose a change to look at homoafetivas experiences and homoparenthood, to promote respect for affective relationship and to identify homoparenthood as a family of legitimate constitution.

**Keywords: Gender, Homoparenthood, Heteronormativity, Foucault, Psychology.**

## **INTRODUÇÃO**

Ao abordarem-se questões sobre a sexualidade, na atualidade, é sempre de suma importância estar aberto à complexidade do tema, pois é necessário atentar as construções sócio-histórico-culturais, analisando algumas das possíveis articulações políticas e relacionadas ao exercício do poder junto aos modos de subjetivação e sujeição (SANTOS, 2013).

É relevante notar que as questões institucionais, políticas e de produção de subjetividade fazem parte do contexto diário, das relações com os outros e com o mundo, atravessando e afetando de modo simultâneo a existência e, na maioria das vezes, até de maneira imperceptível ou 'inconsciente'. Ressalta-se aqui então, estes aspectos, descrevendo que os

estudos em filosofia são instrumentos importantes para a compreensão dos sujeitos (CANDIOTTO, 2006).

## **MÉTODO**

Para a construção deste artigo foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica.

A pesquisa de cunho bibliográfico visa o levantamento de fontes que detenham uma base de informações sobre o tema o qual está sendo estudado. Identificados os artigos e livros busca-se um lineamento da pesquisa em que as análises se proponham à resolutividade de um objetivo e indagação (TRAINA; TRAINA Jr, 2009).

## OBJETIVO

Realizar um levantamento de referências bibliográficas que abarquem as questões de gênero, homoparentalidade e estudos correlacionados de Michel Foucault.

A partir do estudo, buscar compreender tais questões de forma introdutória, com a proposta de possibilitar mudanças nas percepções atuais.

Além disto, também objetiva-se legitimar as relações homoafetivas e homoparentais, de modo a promover a aceitação e o respeito destes sujeitos.

### Subjetividade para Foucault

Em Foucault, a subjetividade não está expressa de um modo natural em decorrência da condição de um ser faltante, mas sim, através de uma vinculação de práticas e discursos que são os alicerces dos saberes e poderes, ou seja, o sujeito está em pleno envolvimento com a instância discursiva, enredado à historicidade da cultura que o constitui. Este fato, da subjetividade estar emaranhada a condicionantes históricos, encobre a possibilidade de o indivíduo empreender escolhas de modo

plenamente livre e consciente. Por este âmbito, o simples fato de uma escolha já implicaria em uma tomada por partes de distintas formações discursivas ou em jogos de poder de uma dada época. Fatores que suprimem a possibilidade de potencialização de um sujeito livre sobre seus atos (SILVA, 2010).

Logo, a subjetividade deve ser entendida como parte integrante desta grande maquinaria moderna correlativa às mais variadas práticas sociais, sejam as de ordem discursiva, sejam aquelas presentes no campo dos dispositivos, sejam as que se dão pelos processos de subjetivação (SOLER, 2008, p.573).

Foucault demonstra que há sempre um cerceamento do sujeito advindo das relações de poder que são estabelecidas, tornando os indivíduos alvos de um estatuto do conhecimento que tem um efeito produtivo na identidade. O conhecimento que se dirige ao sujeito e que se refere a ele

transpassa pelos seus processos de subjetivação, modelando comportamentos e produções (FOUCAULT, 2008).

Deste modo, pensando a subjetivação - na produção enquanto possibilidade de serem sujeitos da própria existência - alguns dos estudos de Foucault se tornam ferramentas para a utilização (de pensamentos e ontologia) na atuação em psicologia. É sempre na intersubjetividade que se compõe o território da existência e o modo existencial, que diferencia cada um, possibilitando o exercício da invenção (ROMAGNOLEI, 2009).

Foucault, em seu tempo, foi como que um catalisador de conflitos, dissolvendo-os em fascinantes teses e publicações. Talvez a origem de muitos de seus estudos tenham relações com suas experiências pessoais, sobre a posição dos lugares de discursos, como quando ainda jovem foi considerado louco e teve sua primeira passagem à psiquiatria ou sobre as suas próprias questões de sexualidade, o que de fato não é possível afirmar (LOPES, 2004). O autor ressalta que, atualmente, Foucault tem se tornado referência nos estudos e movimentos homossexuais, sem mesmo nunca ter levantado esta bandeira.

## **O dispositivo da sexualidade e a apropriação dos saberes**

Pode-se entender alguns aspectos da sexualidade como uma produção discursiva e como efeito de um dispositivo complexo ao qual Foucault denomina um “dispositivo da sexualidade”, meio pelo qual a sexualidade é produzida e gerada de forma a disciplinar, normatizar, através de práticas discursivas e não discursivas, o que diz respeito ao corpo, ao prazer, ao sexo. Estes saberes que permeiam as relações são determinados em momentos históricos, a partir de contextos determinados, que visam demandas sociais, políticas ou morais (MADLENER; DINIS, 2007).

Cumprir falar do sexo como de uma coisa que não se deve simplesmente condenar ou tolerar, mas gerir, inserir em sistemas de utilidades, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo um padrão ótimo. O sexo não se julga apenas, administra-se (FOUCAULT, 2005, p.27).

Compreendemos assim que o dispositivo da sexualidade efetua a prescrição de normas e discursos que atravessam e interferem na construção das identidades dos sujeitos, visando normatizar e controlar, através de verdades, aquilo que tomamos por corpo, sexo e prazer, os quais demandam o surgimento de práticas que pretendem apenas manter uma demanda de interesse social, político e moral. Neste contexto, em que há um regime governante da sexualidade, observa-se a sua sustentação pelo poder do saber que alcança as profundezas do sujeito interferindo nas subjetividades e dominando suas relações e formas de expressão. Segundo Foucault, em 1870, a medicina começou a se apropriar da sexualidade como um objeto de estudo médico e a partir de então ofereceu uma série de intervenções sobre estes conhecimentos como novas formas de controle. Foucault promove a resistência a esta institucionalização do dispositivo da sexualidade e afirma que é essencial romper com esta produção de discursos sobre si através da literatura, e apoia a manifestação livre da expressão de cada realidade a partir do seu próprio ponto de vista - dar voz

a quem é de direito falar de si (FOUCAULT, 2007).

(...) está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês. Toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, aparece no final do século XIX: veja Wilde ou Gide. É a inversão estratégica de uma “mesma” vontade de verdade (FOUCAULT, 2005, p.233).

O escritor húngaro Karl Kertbeny, publicou pela primeira vez, em 1886, sobre a criação dos termos “homossexualidade” e “heterossexualidade”, afirmando que, neste contexto, a criação do termo homossexualidade era tida para designar uma variável benigna da chamada “sexualidade normal”, baseando seus estudos para uma

reforma política na Alemanha em particular para a revogação de leis antissodomitas. Entre os séculos XIX e XX houve mudança em relação aos significados dos termos, transformados pelos primeiros sexólogos em uma questão médico-moral, favorecendo aos dispositivos médico-científicos a colaborar com uma sociedade heterocêntrica, estabelecendo o que são “práticas normais” e quais seriam as variações e desvios que caracterizam uma psicopatologia. Neste contexto de modificações acerca dos conhecimentos sobre sexualidade e medicina, o sexo passou a ser gerido como algo a ser administrado, a fim de evitar a continuidade para as gerações futuras daquilo que poderia ser considerado, aos detentores do poder biopolítico, comportamentos anormais ou desviantes. Através dos estudos de hereditariedade, relações sexuais, doenças, perversões, matrimônio, etc., os discursos biomédicos criaram o caráter desviante da homossexualidade como uma síndrome ou forma de perversão (SANTOS, 2013).

Segundo Santos (2013), a partir de tais transformações, o dispositivo biomédico passa a fazer parte das políticas de transformação social como instrumento estatal,

construindo doutrinas heterossexistas que embasavam seus regimentos, legitimando ideologias discriminatórias tanto num plano macro, - como o nazismo e leis proibitórias, quanto no plano micro, como as violências silenciosas e simbólicas aos quais os homossexuais estão expostos. Foi somente no ano de 1973 que a homossexualidade foi eliminada como doença do DSM, *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* e só mais tarde, em 1990 a OMS Organização Mundial da Saúde retirou o termo do CID-10 Classificação Internacional de Doenças. No Brasil, em 1999, o CFP instaurou uma portaria que proíbe práticas denominadas como “cura gay” reconhecendo oficialmente que a homossexualidade não se trata de doença, síndrome, desvio ou perversão. Todavia, estes movimentos que buscam a despatologização da homossexualidade não garantem que houve uma superação da sua associação com uma “sexualidade anormal”, pois ainda existem categorias médicas que baseiam alguns comportamentos como patológicos pela sua visão heteronormativa.

**O gênero, a homofobia e a heteronormatividade**

Com vários estudos realizados acerca da sexualidade, surgem sempre novos conceitos que envolvem as produções científicas e que merecem ser aprofundados quando se discute este tema.

O termo *gênero* é uma construção social e cultural de conhecimentos que organizam, diferenciam e caracterizam identidades a partir do sexo biológico, sendo um elemento fundamental constitutivo das relações sociais. Por este viés, as representações de masculino e feminino são um conjunto de atribuições que uma sociedade vincula aos sujeitos em relação ao fato de terem nascidos homens ou mulheres. A compreensão do gênero sempre sofre influência pelas mudanças históricas acompanhando uma adaptação e releitura de suas determinações (LOUIS, 2006).

Na corrente atual do senso comum, predomina ainda uma estruturalização definitiva de gênero sobre o que é ser um homem e o que é ser uma mulher e orienta relações entre os sujeitos, como os comportamentos homofóbicos. A homofobia é todo discurso e prática que (1) expressa preconceito e/ou

discriminação em relação aos/às homossexuais, (2) que deslegitima e inferioriza toda sexualidade não heterossexual (BUTLER, 2003). A homofobia provém destes conflitos de esquemas e representações, justamente porque os indivíduos homossexuais quebram com a lógica binária constituída em meio às relações de gênero, à medida que desconstruem os papéis sociais de identidade instaurados por estas relações antecedentes, às quais socialmente denomina o ser masculino por derivação heterossexista e pelas percepções de feminilidade inerente ao binarismo hierarquizado e excludente (ANDRADE, 2010).

Muitos discursos sobre a sexualidade ainda estão enraizados na lógica binária de racionalização e classificação, pois se pode notar a reprodução de um conceito em dependência de outro, ou seja, a heterossexualidade precisa da homossexualidade para definir-se, pois um homofóbico só pode caracterizar-se pela oposição daquilo que ele não é: um homossexual. Estas oposições binárias hetero/homo são muitas vezes atualizadas e reforçadas em alguns discursos e práticas, por isso a atual necessidade de desconstruir e explicitar

outra forma de produção intersubjetiva sobre estes saberes (MISKOLCI, 2009).

No que concerne a estes movimentos, denota-se o conceito da *heteronormatividade*, um termo utilizado atualmente para designar ainda a evidente força do poder como um aparato de normalização social no que diz respeito à significação de gênero e à vivência da sexualidade na vida dos sujeitos. A heteronormatividade direciona as demandas e obrigações sociais priorizando a heterossexualidade por um dispositivo que a naturaliza e torna-a compulsória. O efeito do poder da heteronormatividade é tão presente nas relações que inclusive reproduz condutas heterossexuais nas relações homossexuais, a exemplo a díade ativo/passivo que retoma referências de uma relação heterossexual reprodutiva para definir e hierarquizar posições sexuais, deste modo, ainda exercendo um poder padronizador (MISKOLCI, 2009).

### **Homoparentalidade e núcleo familiar**

Outra questão evocada na modernidade é a mudança do conceito de constituição de núcleo familiar, a

atual terminologia *Homoparentalidade*, que surgiu inicialmente na França, fazendo referência a um sistema familiar que é formado por uma pessoa ou um casal de orientação homossexual, com um ou mais filhos de ao menos um destes adultos. Apesar de o termo enfatizar a orientação sexual dos pais, o que por vezes tem sido criticado atualmente, ainda é válido se utilizar desta estratégia, pela necessidade de expor e evidenciar a realidade atual destas famílias, transcrevendo assim possíveis mudanças nos discursos políticos e sociais, visando principalmente o foco na capacidade de cuidado da relação parento-filial e não na orientação hetero ou homo dos pais/mães. No âmbito social e jurídico, por vezes ainda predominam certos mitos sobre a homoparentalidade na relação do cuidado e educação dos filhos: (1) associação da homossexualidade como uma perturbação psicológica e que afetará o desenvolvimento da identidade sexual da criança bem como seus comportamentos, (2) dificuldade em relacionar-se socialmente pelo estigma homossexual dos pais, (3) maior vulnerabilidade de abuso sexual pelo estereótipo de promiscuidade; dentre outros pensamentos retrógrados.

Todavia, estas questões já foram superadas cientificamente por diversos estudos e são claramente errôneas, bem como equivocadas, a exemplo, a APA *American Psychological Association* publicou em 2005 uma análise de comparativos entre pais/mães heterossexuais e homossexuais e crianças/adolescentes criados nestas duas constituições familiares, constatando que tais preocupações, antes elencadas, não possuem nenhum fundamento científico que as comprove, afirmando também que não existem bases científicas que possam embasar a competência ou não do exercício da parentalidade baseado apenas na questão da orientação sexual. Ainda mais recentemente, em 2013, a AAP *American Academy of Pediatrics*, afirmou que o bom desenvolvimento e cuidado dos filhos estão mais relacionados à qualidade da relação parento-filial do que em especificamente uma característica particular e pessoal de orientação sexual, admitindo ainda que o heterossexismo influencia para a distorção destas compreensões e que é necessário desconstruir urgentemente com estas influências (XAVIER, et.al., 2015).

É preciso compreender que a atualidade caminha para o fim dos tempos da sexualidade heteronormativa, das representações de masculino e feminino delimitados em papéis imutáveis. É preciso repensar práticas e posturas infundadas. É preciso possibilitar uma abertura à afetividade, à solidariedade, ao amor e à diferença, buscando com que este respeito rompa as descrições rápidas e estereotipadas sobre o outro (ALBUQUERQUE; JUNIOR, 2010).

## **CONCLUSÃO**

Diante dos mecanismos de construção histórica da sexualidade e de atos discriminatórios contra a homossexualidade é preciso substituir o silêncio pela posição de enfrentamento à norma binária estabelecida, garantir a expressão destas subjetividades e a sua inserção na visibilidade social. Deve-se zelar pelo respeito das vivências da sexualidade como o direito de uma manifestação particular e subjetiva inerente a cada indivíduo, atuando sempre baseado na amplitude da existência e da singularidade de cada ser humano.

O reconhecimento da orientação sexual e da identidade de gênero no outro deve possibilitar uma abertura ao diálogo de forma que se reconheçam as especificidades das vivências de cada um, nunca pressupondo tais elementos a partir de estereótipos ou modelos definidores sociais rígidos das concepções de gênero. E ainda mais, nunca cometer o equívoco de confundir gênero associado ao sexo biológico.

A construção de um diálogo sincero e acolhedor pode ser uma alternativa que possibilite uma maior visibilidade e aceitação aos que ainda insistem em negar tal modo de existir, o que torna importante sempre abordar a temática de forma a contribuir para as compreensões das necessidades destes sujeitos e não com fins de curiosidade, correção ou preconceito.

É imprescindível que cada um se permita refletir sobre quais são as suas referências nesta temática, compreendendo sobre gênero, estigma, estereótipos e, a partir disto, potencializar um olhar de singularidade e respeito, reconhecendo os julgamentos pré-concebidos internalizados socialmente e, muitas vezes, de forma imperceptível, e policiar mudanças de posturas,

condutas e principalmente de discursos.

## REFERÊNCIAS

- 1- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Máquina de fazer machos: gênero e praticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. p. 23-34. In: MACHADO, CJS., SANTIAGO, IMFL., and NUNES, MLS., orgs. **Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2010. 256 p.
- 2- ANDRADE, Fernando César Bezerra de. “Se a escola não desse uma ajuda...” Homo/Transfobia na escola pública. Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares [online]. Campina Grande: **EDUEPB**, p. 49-64, 2010.
- 3- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de

- Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- 4- CANDIOTTO, Cesar. Foucault: uma história crítica da verdade. **Trans/Form/Ação** [online]. São Paulo. v.29, n.2, p. 65-78, 2006.
- 5- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A vontade de saber**. São Paulo: Editora Graal, 2005.
- 6- LOPES, Rodrigo Touse Dias. Monumento e Genealogia: Notas sobre Michel Foucault. **Revista Nucleus**. v.2, n.1, p. 135-145, abr./out. 2004.
- 7- LOUIS, Marie-Victoire. Diga-me o que significa gênero?. **Sociedade e Estado**. Brasília, v.21, n.3, p. 711-724, set./dez. 2006.
- 8- MADLENER, Francis; DINIS, Nilson Fernandes. A Homossexualidade e a Perspectiva Foucaultiana: **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**. v.19, n.1, p. 49-60, jan./jun. 2007.
- 9- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**., Porto Alegre, ano 11, nº 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.
- 10- RODRIGUES, H. Psicologia, Filosofia, Encruzilhadas, Experimentações: Caminhos possíveis no diálogo de Kierkegaard e Foucault. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Rio de Janeiro, p. 276-291, 2012.
- 11- ROMAGNOLLI, Roberta Carvalho. A Cartografia e a Relação Pesquisa e Vida. **Psicologia & Sociedade**; 21 (2): 166-173, 2009.
- 12- SANTOS, Daniel Kerry. As produções discursivas sobre a homossexualidade e a construção da homofobia: Problematizações necessárias à psicologia. **Revista EPOS, Genealogia, Subjetivações e Violência** [online]. v. 4, n.1, p. 0-0, jan./jun. 2013.

- 13- SILVA, Mauricio J. R. A subjetividade em Jean-Paul Sartre e Michel Foucault: antinomia ou comunhão?. In: **XI Encontro de Pesquisadores - Caderno de Resumos**. Franca, São Paulo: Uni-Facef, p. 59-60, 2010.
- 14- SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar. Uma história política da subjetividade em Michel Foucault. **Fractal, Revista de Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 20, n.2, p.571-582, jul./dec. 2008.
- 15- TRAINA, Agma Juci Machado; TRAINA Jr. Caetano. Como fazer pesquisa bibliográfica. **SBC HORIZONTES**. v. 2, n.2, p. 30-35, ago, 2009.
- 16- XAVIER, Paula Alexandra; ALBERTO, Maria Isabel; MENDES, Francisco Emiliano. Homoparentalidade: Da Abordagem Científica aos Normativos Legais de Portugal. **Psicologia & Sociedade**, v.27(1), p.179-188, 2015.